

RICK RIORDAN

PERCY
JACKSON
E OS OLIMPIANOS

intrínseca



II

O MAR DE MONSTROS

RICK RIORDAN

PERCIVAL
JACKSON
E OS OLIMPIANOS



O MAR DE MONSTROS

TRADUÇÃO DE RICARDO GOUVEIA



Copyright © 2006 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio
de Gallt and Zacker Literary Agency LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Sea of Monsters

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna
Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R452M
4. ed.

Riordan, Rick, 1964-
O Mar de Monstros / Rick Riordan ; tradução Ricardo Gouveia. - 4. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2023.
304 p. ; 21 cm. (Percy Jackson e os Olimpianos ; 2)

Tradução de: The Sea of Monsters
ISBN 978-65-5560-652-2
ISBN 978-85-8057-540-8 (Capa © John Rocco 2014)

I. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Gouveia, Ricardo. II. Título.
III. Série.

23-84036

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Patrick John Riordan,
o melhor contador de histórias da família*

SUMÁRIO

UM	
MEU MELHOR AMIGO VAI COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA	9
DOIS	
MEU JOGO DE QUEIMADO COM CANIBAIS	16
TRÊS	
NÓS CHAMAMOS O TÁXI DA TORMENTA ETERNA	33
QUATRO	
TYSON BRINCA COM FOGO	46
CINCO	
MEU NOVO COMPANHEIRO DE CHALÉ	56
SEIS	
O ATAQUE DOS POMBOS DEMONÍACOS	74
SETE	
EU ACEITO PRESENTES DE UM ESTRANHO	92
OITO	
NÓS EMBARCAMOS NO <i>PRINCESA ANDRÔMEDA</i>	114
NOVE	
MINHA PIOR REUNIÃO DE FAMÍLIA DE TODOS OS TEMPOS	128
DEZ	
PEGAMOS UMA CARONA COM CONFEDERADOS MORTOS	141
ONZE	
CLARISSE DETONA TUDO	155
DOZE	
NOSSA ESTADA NO SPA & RESORT DE C. C.	172

TREZE	
ANNABETH TENTA IR NADANDO PARA CASA	193
QUATORZE	
NOSSE ENCONTRO COM O CARNEIRO DA PERDIÇÃO	209
QUINZE	
NINGUÉM CONSEGUE O VELOCINO	222
DEZESSEIS	
EU AFUNDO COM O NAVIO	232
DEZESSETE	
UMA SURPRESA NOS AGUARDA EM MIAMI BEACH	239
DEZOITO	
A INVASÃO DOS PÔNEIS DE FESTA	249
DEZENOVE	
A CORRIDA DE CARRUAGENS TERMINA COM UMA EXPLOSÃO	261
VINTE	
A MAGIA DO VELOCINO É BOA ATÉ DEMAIS	276

MEU MELHOR AMIGO VAI
COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA

Meu pesadelo começou assim.

Eu estava numa rua deserta em alguma cidadezinha à beira-mar, no meio da noite. Havia uma tempestade. O vento e a chuva açoitavam as palmeiras ao longo da calçada. Edifícios de estuque cor-de-rosa e amarelo se enfileiravam na rua, as janelas fechadas com tábuas. A um quarteirão dali, depois de uma carreira de hibiscos, o mar estava revoltado.

Flórida, pensei. Embora não tivesse certeza de como sabia isso. Eu nunca estivera na Flórida.

Então ouvi cascos chapinhando no calçamento. Virei e vi meu amigo Grover correndo para salvar sua vida.

Sim, eu disse *cascos*.

Grover é um sátiro. Da cintura para cima, parece um adolescente comum e desengonçado, com uma barbicha igual a penugem de pêssigo e um problema sério de acne. Ele caminha mancando de um jeito estranho, mas, a não ser que você por acaso o pegue sem calça (coisa que não recomendo), jamais saberá que existe algo de não humano nele. Jeans folgados e pés falsos disfarçam o fato de que ele tem cascos e um traseiro peludo.

Grover foi meu melhor amigo na sexta série. Junto com uma menina chamada Annabeth, tinha me acompanhado naquela aventura para salvar o mundo, mas eu não o via desde o último mês de julho, quando ele partira sozinho em uma perigosa missão — uma missão da qual nenhum sátiro jamais voltara.

De qualquer modo, em meu sonho, Grover corria, segurando seus sapatos humanos nas mãos como costuma fazer quando precisa se mover depressa. Passou batendo os cascos pelas pequenas lojas de souvenir e de aluguel de pranchas de surfe. O vento dobrava as palmeiras quase até o chão.

Grover estava aterrorizado com algo que vinha atrás dele. Devia ter acabado de vir da praia. A areia molhada se prendia em torções ao seu pelo. Tinha escapado de algum lugar. Estava tentando fugir de... alguma coisa.

Um rugido de fazer os ossos tremerem atravessou a tempestade. Atrás de Grover, do outro lado do quarteirão, surgiu uma figura sombria. Ela derrubou um poste de iluminação com um golpe violento. A lâmpada explodiu em um milhão de fagulhas.

Grover cambaleou, choramingando de medo. Murmurou para si mesmo: “Preciso escapar. Preciso avisá-los!”

Não pude ver o que o perseguia, mas ouvi a coisa resmungando e praguejando. O chão estremeceu quando ela se aproximou. Grover se lançou em uma esquina e vacilou. Tinha entrado em um pátio sem saída cheio de lojas. Não havia tempo para voltar. A porta mais próxima fora arrombada pela tempestade. A placa acima da vitrine escura dizia: BUTIQUE NUPCIAL DE STO. AGOSTINHO.

Grover disparou para dentro. Mergulhou atrás de uma arara cheia de vestidos de noiva.

A sombra do monstro passou na frente da loja. Pude sentir o cheiro da coisa — uma combinação nauseante de lã de carneiro

molhada, carne podre e aquele esquisitíssimo odor corporal azedo que só os monstros têm, como o de um gambá que comesse apenas comida mexicana.

Grover tremia atrás dos vestidos de noiva. A sombra do monstro seguiu em frente.

Silêncio, a não ser pela chuva. Grover respirou fundo. Talvez a coisa tivesse ido embora.

Então houve um clarão de relâmpago. Toda a fachada da loja explodiu, e uma voz monstruosa berrou: “MEEEEEEU!”

Sentei-me na cama, ereto e tremendo.

Não havia tempestade. Não havia monstro.

O sol da manhã atravessava a janela do meu quarto.

Pensei ter visto uma sombra se movendo rapidamente pelo vidro — uma forma humana. Mas então ouvi uma batida na porta do quarto — minha mãe chamou:

— Percy, você vai se atrasar.

E a sombra na janela desapareceu.

Talvez tivesse sido minha imaginação. Uma janela no quinto andar, com uma escada de incêndio velha e instável do lado de fora... Não poderia haver ninguém lá.

— Venha, querido — minha mãe chamou de novo. — É o último dia de aula. Você deve estar empolgado! Está quase no fim!

— Estou indo — consegui dizer.

Apalpei embaixo do travesseiro. Meus dedos se fecharam de modo tranquilizador em volta da caneta esferográfica com a qual sempre dormia. Tirei-a de lá e estudei o que estava gravado na lateral, em grego antigo: *Anaklusmos*. Contracorrente.

Pensei em destampá-la, mas algo me conteve. Eu não usava Contracorrente havia tanto tempo...

Além disso, minha mãe me fizera prometer que não usaria armas letais no apartamento depois que eu lançara um dardo de mau jeito e atingira seu armário de porcelanas. Pus Anaklusmos sobre a mesa de cabeceira e me arrastei para fora da cama.

Eu me vesti o mais depressa que pude. Tentei não pensar no pesadelo, nem em monstros, nem na sombra à minha janela.

Preciso escapar. Preciso avisá-los!

O que Grover queria dizer?

Fiz uma garra de três dedos por cima do meu coração e puxei para fora — um antigo gesto que Grover me ensinara certa vez, para expulsar o mal.

O sonho não podia ter sido real.

Último dia de aula. Minha mãe estava certa, eu devia estar empolgado. Pela primeira vez na minha vida eu praticamente terminara um ano sem ser expulso. Nenhum acidente esquisito. Nenhuma briga em sala de aula. Nenhum professor se transformando em monstro e tentando me matar com comida de cantina envenenada ou dever de casa que explodia. No dia seguinte eu estaria a caminho do meu lugar favorito em todo o mundo — o Acampamento Meio-Sangue.

Só faltava um dia. Certamente, nem eu conseguiria estragar tudo.

Como de costume, eu não tinha ideia de como estava errado.

Minha mãe fez waffles azuis com ovos azuis para o café da manhã. Isso faz dela uma pessoa engraçada, comemorar ocasiões especiais com comida azul. Acho que é o jeito dela de dizer que tudo é possível. Percy pode terminar a sétima série. Waffles podem ser azuis. Pequenos milagres assim.

Comi à mesa da cozinha enquanto minha mãe lavava a louça. Ela estava usando seu uniforme de trabalho — saia azul estrelada

e blusa listrada de vermelho e branco, que vestia para vender doces na confeitaria Doce América. Seus cabelos castanhos e compridos estavam presos em um rabo de cavalo.

Os waffles estavam uma delícia, mas acho que eu não os devorava como de costume. Minha mãe deu uma olhada e franziu a testa.

— Percy, você está bem?

— Sim... estou ótimo.

Mas ela sempre percebia quando algo me incomodava. Enxugou as mãos e sentou-se na minha frente.

— Escola ou...

Não precisava completar. Eu sabia o que ela estava perguntando.

— Acho que Grover está com problemas — falei, e contei a ela o sonho.

Ela contraiu os lábios. Não falamos muito sobre a *outra* parte da minha vida. Tentamos viver do modo mais normal possível, mas minha mãe sabia tudo sobre Grover.

— Eu não me preocuparia tanto, querido — disse ela. — Grover já é um sátiro crescido. Se houvesse um problema, estou certa de que teríamos notícias do... do acampamento... — Os ombros dela ficaram tensos quando ela falou a palavra *acampamento*.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ela. — Quer saber? Esta tarde vamos comemorar o fim das aulas. Vou levar você e Tyson para o Rockefeller Center... para aquela loja de skates de que você gosta.

Cara, aquilo era tentador. Estamos sempre batalhando por dinheiro. Entre as aulas da minha mãe à noite e a mensalidade da minha escola particular, nunca podíamos nos permitir coisas especiais, como comprar um skate. Mas algo na voz dela me incomodou.

— Espere aí — falei. — Pensei que hoje à noite fôssemos arrumar minhas coisas para o acampamento.

Ela torceu o pano de prato.

— Ah! querido, quanto a isso... Recebi uma mensagem de Quíron na noite passada.

Meu coração ficou apertado. Quíron era o diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue. Ele não faria contato a não ser que algo sério estivesse acontecendo.

— O que ele disse?

— Ele acha... que poderia não ser seguro você ir para o campo agora. Talvez tenhamos de adiar.

— *Adiar?* Mamãe, como poderia não ser *seguro*? Eu sou um meio-sangue! É, tipo, o único lugar seguro para mim neste mundo!

— Costuma ser, querido. Mas com os problemas que eles estão enfrentando...

— *Que* problemas?

— Percy... Sinto muito, muito mesmo. Esperava falar com você sobre isso esta tarde. Não posso explicar tudo agora. Não sei nem se Quíron pode explicar. Tudo aconteceu muito de repente.

Minha cabeça estava girando. Como eu poderia *não* ir para o acampamento? Queria fazer um milhão de perguntas, mas justamente nesse momento o relógio da cozinha bateu meia hora.

Minha mãe pareceu quase aliviada.

— Sete e meia, querido. Você precisa ir. Tyson estará esperando.

— Mas...

— Percy, vamos conversar hoje à tarde. Vá para a escola.

Aquilo era a última coisa que eu queria fazer, mas minha mãe estava com aquela expressão frágil nos olhos — uma espécie de aviso, como se ela fosse chorar se eu a pressionasse demais. Além

disso, ela estava certa quanto ao meu amigo Tyson. Precisava encontrá-lo na estação do metrô a tempo, ou ele ficaria zangado. Ele tinha medo de viajar embaixo da terra sozinho.

Juntei minhas coisas, mas parei na porta.

— Mamãe, esse problema no acampamento. Tem... poderia ter alguma coisa a ver com meu sonho com Grover?

Ela não me olhou nos olhos.

— Vamos conversar hoje à tarde, querido. Eu vou explicar... o que puder.

Eu me despedi dela, relutante. Corri escada abaixo para pegar o trem Número 2.

Eu não sabia então, mas minha mãe e eu nunca teríamos nossa conversa à tarde.

Na verdade, eu não voltaria a ver nossa casa por um longo, longo tempo.

Quando saí, dei uma olhada para o edifício marrom do outro lado da rua. Só por um segundo vi uma forma escura à luz da manhã — uma silhueta humana contra a parede de tijolos, uma sombra que não pertencia a ninguém.

Então ela tremulou e desapareceu.

MEU JOGO DE QUEIMADO
COM CANIBAIS

Meu dia começou normal. Ou tão normal quanto pode ser no colégio Meriwether.

Veja bem, é um colégio “experimental”, no centro de Manhattan, o que significa que nos sentamos em pufes, em vez de carteiras, e não recebemos notas, e os professores usam jeans e camisetas de shows de rock no trabalho.

Por mim, tudo bem. Tenho transtorno do déficit de atenção e sou disléxico, como a maioria dos meios-sangues, portanto nunca fui lá muito bem nas escolas comuns, mesmo antes de eles me expulsarem. A única coisa ruim em relação ao Meriwether era que os professores sempre viam as coisas pelo lado mais promissor, e a garotada nem sempre era... bem, promissora.

Por exemplo, minha primeira aula daquele dia: inglês. Todos os alunos do secundário leram aquele livro chamado *O senhor das moscas*, em que um monte de garotos é abandonado em uma ilha e fica pirado. Então, no exame final, nossos professores nos mandaram passar uma hora sem supervisão de adultos, no pátio, para verem o que aconteceria. O que se deu foi uma guerra generalizada de “cucção” entre os alunos da sétima e oitava séries, duas guerras de cascalhos e uma partida de basquete sem marcação de faltas.

O valentão da escola, Matt Sloan, liderou a maior parte dessas atividades.

Sloan não era grande nem forte, mas agia como se fosse. Tinha olhos de pit bull e um cabelo preto desgrenhado, e sempre vestia roupas caras, mas amarfanhadas, como se quisesse que todo o mundo visse como ele se lixava para o dinheiro da família. Tinha um dente da frente lascado, de uma vez em que pegara o Porsche do pai para dar umas voltas e batera numa placa de DEVAGAR — CRIANÇAS BRINCANDO.

De qualquer jeito, Sloan estava dando “cucão” em todo o mundo, até que cometeu o erro de tentar puxar a cueca do meu amigo Tyson.

Tyson era o único garoto sem-teto no colégio Meriwether. Até onde minha mãe e eu conseguimos descobrir, ele havia sido abandonado pelos pais quando era muito pequeno, provavelmente por ser tão... diferente. Tinha um metro e noventa de altura e o físico do Abominável Homem das Neves, mas chorava muito e tinha medo de praticamente tudo, inclusive do próprio reflexo. Seu rosto era meio disforme e abrutalhado. Não sei dizer de que cor eram seus olhos porque nunca consegui ver além de seus dentes tortos. Sua voz era profunda, mas ele falava de um jeito engraçado, como um menino muito mais jovem — acho que por nunca ter ido a uma escola antes de Meriwether. Usava jeans esfarrapados, tênis imundos tamanho cinquenta e dois e uma camisa de flanela xadrez esburacada. Tinha o cheiro dos becos de Nova York, porque era lá que vivia, em uma caixa de geladeira de papelão, perto da rua 72.

O colégio Meriwether o adotara em virtude de um projeto de serviço comunitário, para que todos os alunos pudessem se sentir bem consigo mesmos. Infelizmente, a maioria deles não suportava

Tyson. Depois de descobrirem que apesar de sua incrível força e da aparência assustadora ele era grande e bobo, sentiam prazer em atormentá-lo. Eu era praticamente seu único amigo, o que significava que ele era o *meu* único amigo.

Minha mãe já reclamara na escola um milhão de vezes, porque eles não estavam fazendo o bastante para ajudá-lo. Liguei para o serviço social, mas aparentemente nada aconteceu. Os assistentes sociais alegaram que Tyson não existia. Juraram de pés juntos que tinham visitado o beco que nós descrevemos e não conseguiram encontrá-lo, muito embora eu não entenda como é possível não ver um garoto gigante que mora numa caixa de geladeira.

De qualquer modo, Matt Sloan enfiou-se por trás dele e tentou lhe dar um “cucão”, e Tyson entrou em pânico. Afastou Sloan com um tapa um pouco forte demais. Sloan saiu voando por cinco metros e ficou enroscado no balanço de pneu das crianças pequenas.

— Seu monstrengo! — berrou Sloan. — Por que não volta para sua caixa de papelão?

Tyson começou a soluçar. Sentou-se no trepa-trepa com tanta força que entortou a barra, e enterrou a cabeça nas mãos.

— Retire o que disse, Sloan! — gritei.

Sloan só me lançou uma careta de deboche.

— O que você tem com isso, Jackson? Você poderia ter *amigos* se não estivesse sempre tomando as dores daquele monstrengo.

Fechei os punhos. Esperava que minha cara não estivesse tão vermelha como me parecia.

— Ele *não* é um monstrengo. É só...

Tentei pensar na coisa certa a dizer, mas Sloan não ouvia. Ele e seus amigos feios e grandalhões estavam muito ocupados rindo. Eu me perguntei se era minha imaginação ou se Sloan tinha mais brutamontes em volta dele que de costume. Estava acostumado a

vê-lo com dois ou três, mas naquele dia ele tinha, tipo, mais uma dúzia, e eu tinha certeza absoluta de que nunca os vira antes.

— Espere só até a aula de educação física, Jackson — gritou Sloan. — Você já está *muito* morto.

Quando terminou o primeiro tempo, nosso professor de inglês, o sr. De Milo, saiu para avaliar a carnificina. Ele declarou que tínhamos entendido *O senhor das moscas* perfeitamente. Todos passamos na matéria dele, e jamais íamos nos tornar pessoas violentas. Matt Sloan assentiu, sério, e depois me lançou um sorriso de dente lascado.

Tive de prometer que compraria um sanduíche extra de manteiga de amendoim para Tyson no almoço, para ele parar de soluçar.

— Eu... eu sou um monstrengo? — ele me perguntou.

— Não — assegurei, rilhando os dentes. — Matt Sloan é que é um monstrengo.

Tyson fungou.

— Você é um bom amigo. Vou sentir saudades de você no ano que vem se... se eu não puder...

A voz dele tremeu. Percebi que ele não sabia se no ano seguinte seria novamente convidado para o projeto comunitário. Imaginei se o diretor ao menos teria se dado ao trabalho de conversar com ele sobre isso.

— Não se preocupe, grandão — consegui dizer. — Vai dar tudo certo.

Tyson me lançou um olhar tão agradecido que me senti um grande mentiroso. Como podia prometer a um garoto como ele que *alguma coisa* daria certo?

Nossa próxima prova era de ciências. A sra. Tesla nos disse que teríamos de misturar substâncias químicas até conseguir fazer algu-

ma coisa explodir. Tyson era meu parceiro de laboratório. As mãos dele eram grandes demais para os pequeninos frascos que devíamos usar. Ele derrubou sem querer uma bandeja de substâncias do balcão e criou um cogumelo de fumaça alaranjada na lata de lixo.

Depois que a sra. Tesla evacuou o laboratório e convocou o esquadrão de remoção de resíduos perigosos, elogiou Tyson e eu por sermos químicos natos. Tínhamos sido os primeiros da história a gabaritar sua prova em menos de trinta segundos.

Fiquei contente de a manhã ter passado depressa, pois isso me impediu de pensar demais nos meus problemas. Eu não suportava a ideia de que algo pudesse estar errado no acampamento. Pior ainda: não conseguia afastar a lembrança do pesadelo. Tinha a terrível sensação de que Grover estava em perigo.

Em estudos sociais, quando estávamos desenhando mapas de latitude e longitude, abri meu caderno e olhei para a foto lá dentro — minha amiga Annabeth de férias em Washington. Ela de jeans e uma jaqueta índigo por cima da camiseta cor de laranja do Acampamento Meio-Sangue. O cabelo loiro estava preso para trás, com uma bandana. Estava em pé na frente do Memorial de Lincoln, com os braços cruzados, parecendo satisfeitíssima consigo mesma, como se ela própria tivesse projetado o lugar. Veja bem, Annabeth quer ser arquiteta quando crescer, por isso está sempre visitando monumentos famosos e coisas do tipo. Ela é esquisita assim mesmo. Tinha me mandado a foto por e-mail nas férias da primavera, e de vez em quando eu olhava só para me lembrar de que ela era real e de que o Acampamento Meio-Sangue não tinha sido coisa da minha imaginação.

Quis que Annabeth estivesse ali. Ela saberia interpretar meu sonho. Nunca admiti isso para ela, mas era mais esperta do que eu, mesmo que às vezes fosse meio irritante.

Eu já ia fechar meu caderno quando Matt Sloan esticou a mão e arrancou a foto da espiral.

— Ei! — protestei.

Sloan conferiu a foto, e seus olhos se arregalaram.

— Ah! não, Jackson. Quem é essa? Ela *não é* a sua...

— Devolva! — Senti as orelhas ficando quentes.

Sloan passou a foto para seus colegas feiosos, que deram risadinhas e começaram a rasgá-la para fazer bolinhas de cuspe. Eram alunos novos que deviam estar de visita, porque todos usavam aquelas etiquetas idiotas de “OI! MEU NOME É:” entregues na recepção. Também deviam ter um senso de humor meio esquisito, porque todas elas estavam preenchidas com nomes estranhos, como CHUPA-TUTANO, COME-CRÂNIOS e ZÉ-MANÉ. Não existem seres humanos com nomes assim.

— Esses caras vão se mudar para cá no ano que vem — alardeou Sloan, como se aquilo devesse me assustar. — Aposto que eles podem *pagar* a escola, ao contrário do seu amigo pobretão.

— Ele *não é pobretão*. — Tive de me conter muito, muito mesmo, para não dar um murro na cara de Sloan.

— Você é um perdedor, Jackson. Ainda bem que eu vou livrar você do seu sofrimento no próximo período.

Os grandalhões cupinchas dele mascaram minha foto. Queria transformá-los em pó, mas estava sob ordens estritas de Quíron de nunca descontar minha raiva em mortais comuns, não importava quanto eles fossem detestáveis. Tinha de deixar para brigar com os monstros.

Ainda assim, parte de mim pensou que se Sloan ao menos soubesse quem eu era realmente...

A campanha tocou.

Quando Tyson e eu estávamos saindo da classe, uma voz de menina sussurrou:

— Percy!

Corri os olhos pela área dos vestiários, mas ninguém estava prestando nenhuma atenção a mim. Como se alguma menina em Meriwether fosse um dia chamar meu nome.

Antes que eu tivesse tempo de avaliar se estava ou não imaginando coisas, uma multidão de garotos disparou para o ginásio, arrastando-me com ela. Era hora da educação física. O treinador nos prometera um jogo de queimado vale-tudo, e Matt Sloan prometera me matar.

O uniforme de ginástica de Meriwether é short azul-celeste e camiseta desbotada. Felizmente a maior parte das nossas atividades atléticas era interna, assim não tínhamos de correr pelo bairro de Tribeca parecendo um bando de crianças hippies em treinamento.

Troquei de roupa o mais depressa que pude no vestiário, pois não queria ter de lidar com Sloan. Estava quase saindo quando Tyson chamou:

— Percy?

Ele ainda não tinha se trocado. Estava postado junto à porta da sala de musculação, segurando as roupas de ginástica.

— Será que você... ahn...

— Ah! sim. — Tentei não parecer aborrecido com aquilo. — Sim, claro, cara.

Tyson esquivou-se para dentro da sala. Fiquei de guarda do lado de fora da porta enquanto ele se trocava. Eu me sentia meio constrangido fazendo aquilo, mas ele me pedia quase todos os dias. Acho que é porque ele é todo peludo e tem umas cicatrizes esquisitas nas costas, sobre as quais eu nunca tive coragem de perguntar.

De qualquer modo, aprendi pelo método mais difícil que se as pessoas mexessem com Tyson enquanto estivesse se vestindo, ele ficava perturbado e começava a arrancar as portas dos armários.

Quando entramos no ginásio, o treinador Nunley estava sentado à sua mesinha lendo a *Sports Illustrated*. Nunley tinha cerca de um milhão de anos de idade, usava óculos bifocais e não tinha dentes, e tinha um topete grisalho ensebado. Lembrava o Oráculo do Acampamento Meio-Sangue — que era uma múmia encarquilhada —, só que o treinador Nunley se movia muito menos e nunca soltava nuvens de fumaça verde. Bem, ao menos não que eu tivesse observado.

Matt Sloan disse:

— Treinador, posso ser o capitão?

— Hã? — o treinador Nunley ergueu os olhos de sua revista.

— Sim — murmurou. — Hmm-mmm.

Sloan sorriu e se encarregou da escalação. Ele me nomeou capitão do outro time, mas pouco importava quem eu escolhesse, pois todos os atletas e os garotos mais populares passavam para o lado de Sloan. E também o grupo grande de visitantes.

Do meu lado, eu tinha Tyson; Corey Bailer, o nerd de computadores; Raj Mandali, o fenômeno dos cálculos, e meia dúzia de outros que eram sempre atormentados por Sloan e sua gangue. Normalmente, eu me daria bem só com Tyson — ele, sozinho, valia por meio time —, mas os visitantes do lado de Sloan eram quase tão altos e fortes quanto Tyson, e havia seis deles.

Matt Sloan espalhou um engradado de bolas no meio do ginásio.

— Com medo — murmurou Tyson. — Cheiro gozado.

Olhei para ele.

— O que tem cheiro gozado? — Não achei que ele estivesse falando de si mesmo.

— Eles. — Tyson apontou para os novos amigos de Sloan. — Eles têm um cheiro gozado.

Os visitantes estavam estalando os dedos e olhando para nós como se fosse a hora do massacre. Não pude deixar de me perguntar de onde eles vinham. De algum lugar onde alimentavam as crianças com carne crua e batiam nelas com paus.

Sloan soprou o apito do treinador e o jogo começou. O time de Sloan correu para a linha de centro. Do meu lado, Raj Mandalí gritou alguma coisa em urdu, provavelmente: “Preciso de um penico!”, e correu para a saída. Corey Bailer tentou engatinhar para trás da forração da parede e se esconder. O restante do time fez o melhor que pôde para se encolher de medo e não ficar parecendo alvo.

— Tyson — disse eu. — Vamos...

Uma bola me atingiu violentamente na barriga. Caí sentado no meio do piso do ginásio. O outro time explodiu em gargalhadas.

Minha visão ficou turva. Era como se tivesse acabado de receber uma manobra de Heimlich de um gorila. Não pude acreditar que alguém fosse capaz de lançar uma bola com aquela força.

Tyson gritou:

— Percy, abaixe-se!

Rolei enquanto outra bola passava zunindo por meu ouvido, na velocidade do som.

Vuuuum!

Ela atingiu a forração da parede, e Corey Bailer ganiu.

— Ei! — gritei para o time de Sloan. — Assim vocês podem matar alguém!

O visitante chamado Zé-Mané sorriu para mim de um jeito perverso. De algum modo, ele parecia muito maior agora... ainda mais alto que Tyson. Seus bíceps se destacavam embaixo da camiseta.

— Assim espero, Perseu Jackson! Assim espero!

O modo como ele disse meu nome me deu um frio na espinha. Ninguém me chamava de Perseu, a não ser aqueles que conheciam minha verdadeira identidade. Amigos... e inimigos.

O que Tyson tinha dito? *Eles têm um cheiro gozado.*

Monstros.

Em volta de Matt Sloan, os visitantes estavam ficando maiores. Não eram mais garotos. Eram gigantes de dois metros e meio de altura, com olhos selvagens, dentes pontudos e braços peludos tatuados com cobras, dançarinas havaianas e corações.

Matt Sloan deixou cair a bola.

— Epa! Vocês não são de Detroit. Quem...

Os outros garotos do time começaram a gritar e a recuar para a saída, mas o gigante chamado Chupa-Tutano lançou uma bola com pontaria certa. Ela passou como um raio por Raj Mandali quando ele estava quase saindo e atingiu a porta, fechando-a como num passe de mágica. Raj e alguns dos outros garotos a esmurram, desesperados, mas ela não cedeu.

— Deixe-os ir! — gritei para os gigantes.

O que se chamava Zé-Mané rosnou para mim. Tinha uma tatuagem no bíceps que dizia: *ZM ama Fofinha.*

— E perder os nossos petiscos? Não, Filho do Deus do Mar. Nós, lestrigões, não estamos jogando só para matá-lo. Queremos almoçar!

Ele acenou e um novo lote de bolas de queimado apareceu na linha de centro — mas aquelas não eram feitas de borracha vermelha.

Eram de bronze, do tamanho de balas de canhão, perfuradas, com fogo saindo dos buracos. Deviam ser muito quentes, mas os gigantes as pegavam com as mãos nuas.

— Treinador! — gritei.

Nunley ergueu os olhos, sonolento, mas, se viu algo de anormal no jogo de queimado, não demonstrou. Esse é o problema com os mortais. Uma força mágica chamada A Névoa disfarça a seus olhos a verdadeira aparência dos monstros e dos deuses, e assim eles tendem a ver apenas o que conseguem compreender. Talvez o treinador tivesse visto alguns garotos da oitava série batendo nas crianças menores, como de costume. Talvez os outros garotos vissem os brutamontes de Matt Sloan prestes a lançar por aí coquetéis Molotov. (Não teria sido a primeira vez.) De qualquer modo, eu tinha certeza de que ninguém mais se dava conta de que estávamos lidando com genuínos monstros comedores de gente e sedentos de sangue.

— Sim. Hmm-mmm — resmungou o treinador. — Joguem direito.

E voltou à sua revista.

O gigante chamado Come-Crânios lançou a bola. Mergulhei de lado enquanto o cometa de bronze chamejante passava junto ao meu ombro.

— Corey! — gritei.

Tyson o puxou de trás da forração da parede bem no momento em que a bola explodiu contra ela, transformando o acolchoado em farrapos fumegantes.

— Corram! — gritei para os meus companheiros de time. — A outra saída!

Eles correram para o vestiário, mas outro aceno da mão de Zé-Mané fez bater aquela porta também.

— Ninguém sai enquanto você não estiver fora! — rugiu Zé-Mané. — E você não vai estar fora enquanto não o comermos!

Ele lançou sua bola de fogo. Meus companheiros de time se espalharam enquanto ela abria uma cratera no piso do ginásio.

Procurei a Contracorrente, que carregava sempre no bolso, mas então me dei conta de que estava usando meu short de ginástica. Eu *não tinha* bolsos. Contracorrente estava enfiada no bolso da calça jeans, dentro do armário no vestiário. E a porta do vestiário estava trancada. Eu estava completamente indefeso.

Outra bola de fogo veio como um raio em minha direção. Tyson me empurrou para fora do caminho, mas a explosão ainda me atirou longe. Fiquei esparramado no chão do ginásio, com a vista embaçada pela fumaça, a camiseta desbotada salpicada de buracos chamuscados. Logo depois da linha de centro, dois gigantes famintos me olhavam de cima.

— Carne! — urraram. — Carne de herói para o almoço! — Os dois fizeram pontaria.

— Percy precisa de ajuda! — gritou Tyson, e pulou na minha frente bem no momento em que eles lançaram suas bolas.

— Tyson! — gritei, mas era tarde demais.

As duas bolas o atingiram... mas, não... ele as agarrou. De algum modo Tyson, que era tão desajeitado que estava sempre derrubando equipamentos do laboratório e quebrando estruturas do playground, tinha agarrado as duas bolas chamejantes de metal que vinham em sua direção a um zilhão de quilômetros por hora. Ele as atirou de volta para seus donos surpresos, que gritaram “RUIIIIM!” quando as esferas de bronze explodiram contra seus peitos.

Os gigantes se desintegraram em colunas gêmeas de chamas — um sinal seguro de que eram monstros, certo. Monstros

não morrem. Simplesmente se dissipam em fumaça e pó, o que poupa aos heróis um bocado de trabalho de limpeza depois de uma luta.

— Meus irmãos! — gemeu Zé-Mané, o Canibal. Ele contraiu os músculos, e sua tatuagem da *Fofinha* ondulou. — Você vai pagar por tê-los destruído!

— Tyson! — disse eu. — Cuidado!

Outro cometa disparou em nossa direção. Tyson só teve tempo de desviá-lo com um tapa. Passou voando por cima da cabeça do treinador Nunley e aterrissou na arquibancada com um imenso CA-BUUUUUM!

Crianças corriam de um lado para o outro gritando, tentando evitar as crateras fumegantes no piso. Outras esmurravam a porta, gritando por socorro. O próprio Sloan estava petrificado no meio da quadra, assistindo incrédulo às bolas da morte que voavam em volta dele.

O treinador Nunley ainda não via nada. Deu uma batidinha em seu aparelho de surdez, como se as explosões estivessem causando interferência, mas não desviou os olhos da revista.

Certamente a escola inteira podia ouvir o barulho. O diretor, a polícia, alguém iria nos ajudar.

— A vitória será nossa! — rugiu Zé-Mané, o Canibal. — Vamos nos banquetear com seus ossos!

Quis dizer-lhe que ele estava levando o jogo de queimado muito a sério, mas antes que pudesse fazer isso ele lançou mais uma bola. Os outros três gigantes fizeram o mesmo.

Sabia que estávamos mortos. Tyson não poderia desviar todas aquelas bolas ao mesmo tempo. Suas mãos *deviam* estar com queimaduras sérias por ter bloqueado a primeira saraivada. Sem a minha espada...

Tive uma ideia maluca.

Corri em direção ao vestiário.

— Saíam da frente! — disse a meu time. — Saíam da porta.

Explosões atrás de mim. Tyson rebatera duas das bolas a seus donos e os fizera explodir em cinzas.

Restavam dois gigantes em pé.

Uma terceira bola veio voando diretamente para mim. Eu me forcei a esperar — um, dois, três — e então me atirei para o lado, enquanto a esfera chamejante demolia a porta do vestiário.

Calculei que o gás acumulado na maioria dos armários dos meninos seria suficiente para causar uma explosão, portanto não me surpreendi quando a bola chamejante de queimado provocou um enorme *BUUUUUUM!*

A parede explodiu. Portas de armários, meias, suportes atléticos e vários outros apetrechos pessoais fedorentos choveram por todo o ginásio.

Virei-me bem a tempo de ver Tyson dar um soco na cara do Come-Crânios. O gigante desmoronou. Mas o último gigante, Zé-Mané, esperto, continuava segurando sua bola, esperando uma oportunidade. Ele a lançou justamente quando Tyson se virava para ele.

— Não! — gritei.

A bola atingiu Tyson bem no peito. Ele deslizou por toda a extensão da quadra e bateu na parede do fundo, que rachou. Parte desmoronou em cima dele, abrindo um buraco que dava direto para a rua Church. Não entendia como Tyson ainda podia estar vivo, mas ele parecia apenas atordoado. A bola de bronze fumegava a seus pés. Tyson tentou pegá-la, mas caiu para trás, aturdido, em uma pilha de blocos de concreto.

— Bem! — tripudiou Zé-Mané. — Sou o último de pé! Vou ter carne suficiente para levar uma quentinha para Fofinha!

Ele pegou outra bola e mirou Tyson.

— Pare! — gritei. — É a mim que você quer!

O gigante arreganhou um sorriso.

— Quer morrer primeiro, heroizinho?

Eu precisava fazer alguma coisa. Contracorrente devia estar por ali, em algum lugar.

Então avistei meus jeans em uma pilha fumegante de roupas bem aos pés do gigante. Se eu ao menos conseguisse chegar lá... Sabia que era inútil, mas investi.

O gigante riu.

— Meu almoço se aproxima.

Ele ergueu o braço para lançar. Eu me preparei para morrer.

De repente o corpo do gigante enrijeceu-se. Sua expressão mudou de triunfante para surpresa. Bem no lugar onde deveria estar seu umbigo, a camiseta se rasgou e surgiu ali algo como um chifre — não, um chifre não: a ponta brilhante de uma lâmina.

— Ui — murmurou ele, e explodiu numa nuvem de chamas verdes, o que, imaginei, iria deixar Fofinha muito aborrecida.

Em pé no meio da fumaça estava minha amiga Annabeth. Seu rosto estava sujo e arranhado. Carregava uma mochila esfarapada pendurada no ombro, o boné de beisebol enfiado no bolso, uma faca de bronze na mão e um olhar selvagem nos olhos cinza-tempestade, como se fantasmas a tivessem perseguido por mil quilômetros.

Matt Sloan, que estivera ali em pé, abobalhado, o tempo todo, afinal caiu na real. Piscou para Annabeth como se a reconhecesse vagamente da foto no meu caderno.

— É a garota... É a garota...

Annabeth deu-lhe um soco no nariz, derrubando-o no chão.

— E você — disse ela —, deixe meu amigo em paz.

O ginásio estava em chamas. Crianças ainda corriam de um lado para o outro, gritando. Ouvi sirenes que uivavam e uma voz distorcida no alto-falante. Através das janelas de vidro nas portas de saída pude ver o diretor, sr. Bonsai, brigando com a fechadura, e uma multidão de professores amontoada atrás dele.

— Annabeth... — gaguejei. — Como você... há quanto tempo você...

— Quase a manhã toda. — Ela embainhou a fada de bronze. — Estava tentando encontrar um bom momento para falar com você, mas você nunca estava sozinho.

— A sombra que eu vi esta manhã... aquilo era... — Meu rosto ficou quente. — Ah!, meus deuses, você estava olhando pela janela do meu quarto?

— Não dá tempo de explicar! — disparou com rispidez, embora ela mesma parecesse estar com o rosto um pouco quente. — Mas eu não queria...

— Ali! — berrou uma mulher.

As portas se abriram de repente e os adultos se precipitaram para dentro.

— Encontre-me lá fora — disse Annabeth. — E ele. — Apontou para Tyson, que ainda estava sentado encostado na parede, atordoado. Annabeth lançou-lhe um olhar de aversão que não entendi muito bem. — É melhor trazê-lo.

— *O quê?*

— Não dá tempo! — disse ela. — Depressa!

Ela colocou o boné de beisebol dos Yankees, que era um presente mágico de sua mãe, e desapareceu na mesma hora.

Com isso, fiquei sozinho no meio do ginásio em chamas, quando o diretor investiu para dentro com metade do corpo docente e um ou dois policiais.

— Percy Jackson? — disse o sr. Bonsai. — O que... como...

Junto à parede destruída, Tyson gemeu e levantou-se da pilha de blocos de concreto.

— A cabeça dói.

Matt Sloan também se aproximava. Olhou para mim com expressão de terror.

— Foi Percy quem fez isso, sr. Bonsai. Ele tocou fogo no prédio inteiro. O treinador Nunley vai lhe contar, ele viu tudo! O treinador Nunley estivera lendo com dedicação sua revista, mas, para meu azar, escolheu aquele momento para erguer os olhos, ao ouvir Sloan pronunciar seu nome.

— Hã? Sim. Hmm-mmm.

Os outros adultos viraram na minha direção. Eu sabia que jamais acreditariam em mim, mesmo que eu pudesse contar-lhes a verdade.

Arranquei Contracorrente dos meus jeans destruídos, disse a Tyson “Vamos!” e pulei pelo buraco escancarado na lateral do edifício.

Unindo mitologia grega, muita aventura e tramas hilárias, a história de Rick Riordan sobre um adolescente com TDAH que descobre ser filho do deus do mar e precisa navegar entre o mundo humano e o divino se tornou um best-seller e formou uma geração de leitores apaixonados, que até hoje acompanham a saga de Percy e seus amigos. Agora, a Intrínseca relança os cinco livros da série em uma edição com nova arte de capa, muito pedida pelos leitores. As belas ilustrações da artista Victo Ngai acompanham o design da mais nova aventura do semideus, *O cálice dos deuses*, que chega às livrarias em lançamento mundial no dia 26 de setembro.

Em *O Mar de Monstros*, segundo livro da série, o ano de Percy foi surpreendentemente calmo. Nenhum monstro em sua escola, nenhum acidente esquisito, nenhuma briga em sala de aula. Mas, quando um inocente jogo de queimado entre ele e seus colegas torna-se uma disputa mortal contra uma tenebrosa gangue de gigantes canibais, as coisas ficam, digamos, feias.

Com a inesperada chegada da amiga Annabeth vêm outras más notícias: as fronteiras mágicas que protegem o Acampamento Meio-Sangue foram envenenadas por um inimigo desconhecido, e, a menos que um antídoto seja encontrado, o único porto seguro dos semideuses será destruído.

Nesta aventura vibrante e divertidíssima, Percy e seus amigos partem em uma arriscada e incrível viagem pelo Mar de Monstros para salvar o acampamento. Lá, eles vão enfrentar seres fantásticos, muitos perigos e situações inusitadas. Antes, porém, nosso herói entrará em confronto com um mistério atordoante sobre sua família — algo que o fará questionar se ser filho de Poseidon é uma honra ou uma terrível maldição.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/o-mar-de-monstros-3/>